

13

O NÚMERO

Moasipriano



MOASIPRIANO.COM

O NÚMERO 13

Moa Sipriano



www.moasipriano.com

Design da Capa & Editoração
Moa Sipriano

Imagem da Capa & Tipografia
pixabay.com
dafont.com

Todos os direitos reservados a
Moa Sipriano

Site oficial & Contato
moasipriano.com
escritor@moasipriano.com

“Ô Serjão. Na minha sala. Agora!”

O chefe passou por mim e sua voz autoritária tirou-me da sonolência daquela manhã que deveria ser comum e corrente.

Levantei apreensivo. Não havia sentido em me tratar daquela maneira. Afundando os passos no piso vitrificado, caminhei em direção à cela que eu conhecia tão bem. Rotina. Cumprir meu dever. Sempre com maestria.

Eu sabia o que me aguardava. Mais do mesmo. Seis anos.

Entreí na sala-nicotina e meu dono trancou a porta. Jogou-se na sua nova poltrona de couro, abrindo o zíper da calça social, sem perder tempo.

Senti o aroma do branco da cueca recém-tirada da embalagem. Aproximei meu corpo moreno, indisposto... porém, sempre submisso. Minha cabeça foi apertada de encontro ao sexo do patrão. Chupei e engoli, ouvindo a rouca sinfonia dos gemidos sufocados. Três minutos. Goela arranhada pela baba do búfalo. Ele subornou mais um grito de muita, muita satisfação.

Quarta de fornecedores. Alguém poderia chegar a qualquer momento. Estávamos atrasados naquele dia para o seu escape. Voltei à posição original. Limpei minha boca com o lenço vermelho que eu carregava no bolso da calça justamente para anuviar aquela situação corriqueira.

Seis anos praticando o mesmo ato mecânico. Desde que ele descobrira que eu era “diferente”, “discreto” e “na minha”.

Sua esposa inútil não lhe cedia aquele simples prazer. Era *eu* o escolhido a complementar sua vida perfeita. Confesso que no começo eu achava um barato curtir a transgressão. Agora, sou uma barata tonta, incapaz de pronunciar um belo e sonoro “não.” Eu temia perder o emprego.

Olhei para o relógio ao lado do crucifixo. Eu sempre chegava antes dos outros funcionários do depósito de tabaco. Arrumei minha camisa engomada e me preparava para voltar ao trabalho, quando o chefe jogou aquele envelope amarfanhado sobre a mesa, depois de aprumar sua hipocrisia para finalmente encantar o mundo exterior.

“Olhe, meu eterno garotão, tenho duas coisas para lhe dizer”, e apontou para o tal do envelope. Toquei no pedaço de papel timbrado. Notei que era de um famoso laboratório que ficava a três quadras do nosso prédio decadente. De imediato, não liguei os fatos. Submisso, mecanicamente abri as entranhas do Destino, peguei a folha de papel texturizado e comecei a degustar seu conteúdo.

Corei. Estremeci. Perdi o fôlego.

Positivo. Fim de tudo. Ele estava perdido. E eu também!

“Essa foi a primeira notícia, Sérgio”, ele pronunciou a sentença com extrema suavidade e pude sentir um ar de vingança em seu semblante diabólico.

“A outra é que você... bem, você está... despedido!”, ouvi, mas não acreditei.

Então... a culpa era minha? Não podia ser. Eu era precavido, apesar de deixá-lo terminar na minha bocarra em todas as ocasiões. Mas só *ele* tinha esse privilégio!

Eu confiava nele. Eu achava que o Sr. Oliveira, o chefe, o poderoso, não possuía mais ninguém além da esposa frígida e do amante oral.

Eu estava enganado.

Drogas? Não, pois o único vício daquele filho da puta era engolir dois maços de Marlboro todos os dias.

Ele certamente *comia* outro por fora, sem os devidos cuidados.

Felipe, o nosso entregador-motoqueiro – dono de uma bunda espetacular – era o primeiro suspeito da lista confusa que se formava na minha mente arruinada.

E eu? Meu Deus! De repente, lembrei-me da única ocasião em que havia um ferimento na minha boca. Aquele dia, quando cheguei atrasado, logo após o dentista-de-quinta. *Gsuís!* Mesmo com todo céu inchado eu fui obrigado a sentir um litro de porra besuntando os vãos dos meus dentes bamboleantes sobre minhas gengivas frágeis, vertendo filetes carmim.

Rasguei o papel. Direcionei um olhar carregado de ódio para o meu agora ex-chefe cínico.

“Só tenho uma pergunta”, pensei. E resolvi cuspi-la antes do fim.

“Desde quando você desconfiava... sabia... que estava... sei lá... perdido?”, as lágrimas queimavam minhas faces e feriam meu espírito derribado.

“Faz algum tempo. Este é o terceiro e definitivo exame. Desculpe, não tenho mais nada a lhe dizer.”

A sua frieza me fez perder o controle. Vi um abridor de cartas em metal pousado próximo à pilha de documentos de clientes. Faltou pouco, muito pouco para eu avançar todos os sinais e liquidar todas as evidências.

Queria perfurar-lhe a alma que ele não tinha. Ver o sangue pervertido escorrendo e a existência daquele traste de cara encovada a definhar bem na minha frente.

Virei minhas costas sacolejantes. Bati a porta. Um dos puxadores rolou

pelo chão. Acho que trinquei o vidro. Ele sabia que eu nada revelaria ao Exterior. Sou um covarde.

Susana e Alice chegavam para cumprir um novo dia. Eu fugia para o abraço da Morte. Enlouqueci.

* * *

Amassado no meio da Rua do Rosário, abarrotada de anônimos da Terra da Uva a vagar naquela manhã borralhenta, caminhei sem foco na direção do Nada.

Vingança. Torpor. Raiva. Eu temia que alguém nas esquinas ousasse me dirigir meio pingo de atenção.

Parei em um bar na Rangel Pestana. Pedi uma Brahma. Sorvi o litro em segundos. Direto no gargalo. Pedi outra garrafa. Fiz o mesmo.

O olhar aterrorizado do atendente iniciante fez com que eu me sentisse “O” Poderoso. Paguei-lhe o valor de dez cervejas.

“Fique com o troco, moleque!”, ruminei com voz embargada ao empregado que me serviu, estupefato.

Caminhei sem ter aonde chegar. Virei na esquina da Rua Prudente. Eu conhecia uma clandestina sala de pegação. Não perdi tempo. Eu desejava sexo rápido. Ali eu certamente satisfaria minha sina.

Paguei às claras. Invadi a escuridão.

Aguardei meus olhos adaptarem-se à falta de adequada vidência. Somente a capenga tela prateada refletia uma opaca iluminação. Assustei-me ao perceber que naquela hora da manhã o antro já estava quase intransitável.

Andei de um lado para o outro no labirinto da sala-galpão. Eu observava corpos anônimos como a apreciar uma vitrine de um açougue de vila, na escolha das carnes domingueiras.

Quem seria a próxima vítima?

Escolhi aquela bichona que estava encostada num canto indefinido. Queimei seu desejo com um simples e dilacerante olhar resolutivo.

Sem cerimônia, ela agarrou meus músculos reticentes. Toda carinhosa, buscou minha boca e eu lhe devolvi um beijo vampírico. Sua mão atrevida pressionou meu sexo apartado. Sem demora, investi com autoridade sua cabeça oca até o meio das minhas pernas eletrificadas.

O veado chupou minha viga. Dezoito centímetros auditados entrando e saindo de uma garganta mentolada. Sem querer (querendo?), a linha do meu diminuto canivete de estimação promoveu uma picotada logo abaixo daquele insensível queixo-bichaim. Em minutos inundei a insignificância daquele ser com minha vitamina danificada. Alisando o rosto e os lábios lascados, ele não desperdiçou nada do meu imbróglio.

“Infeliz”, mentalizei, gargalhando no meu podre silêncio. Ele era a vítima número três. Eu era o primeiro. Oliveira fora o segundo. Todos nós, loucos!

Não importa a ordem dos Perdedores.

Continuemos.

Limpei meu sexo com o lenço vermelho. O rapaz da boca de ouro não perdeu tempo; já executava sua tarefa em outro macho... que poderia ser seu pai!

Resolvi jogar minha confusão mental na segunda fileira de poltronas dissonantes. Eu assistia ao filme, mas não captava as imagens.

Senti alguém tocar a ponta dum caralho cheirando a mijo bem no meu ombro direito. Virei em um só movimento afetado. Não vi Identidade. Somente desfrutei o sabor do seu membro gotejante.

Outro sexo, fino, capengando para a esquerda, exigia minha destreza. Dois ao mesmo tempo. E uma legião de jundiaenses casados maravilhados se masturbava na presença da sacanagem ao vivo na penumbra de um ambiente de ogro escape.

Minha língua fez maravilhas naqueles dois machos. A “atriz” que fazia o serviço na tela sem vidas não se comparava aos meus fartos atributos.

Eu era o melhor. Morreria sendo o melhor!

O negro e o vermelho que violentaram minha boca aveludada batizaram quase ao mesmo tempo meu rosto prateado, queixo perolado e pescoço furta-cor.

“Em nome do Pau, estou purificado!”, ironizei numa prece blasfematória, enquanto o ácido da água sanitária fria e barata daqueles dois cavalos carpinteiros invadia minhas narinas.

Saí do baixo-mundo e voltei para as ruas centrais de Jundiaí.

Eu queria mais.

Eu acumulava um fogo que dificilmente seria apagado naquele dia. Consumido nas chamas de uma vingança tenebrosa, eu estava muito longe de mim-eu-mesmo.

Passei diante de uma placa publicitária que indicava “Blá-blá-blá... na Rua 13 de Maio”. Gostei do número. Recordei que era a data de aniversário de um amigo quase esquecido do meu passado. Eu chorei, pois cheguei a amá-lo... um dia.

Treze. O número da sorte ou do azar, dependendo do seu ponto de vista. Eu foderia meu corpo naquele dia por 13 – TREZE! – vezes.

Decidido, fui à busca do meu falso prazer no intuito de abrandar as agruras da minha vingança tresvariada.

* * *

Ao chegar à Rua Fortunato, sorri friamente para o zelador do banheiro público ali localizado. O lugar era conhecido pelos Bambees como notório ponto de pegação.

Aprenda de uma vez por todas: Todo Banheiro Público Masculino, sem exceção, é um atol de loucas possibilidades. Eu faria sexo com qualquer mijante que estivesse à procura de um deleite fugaz.

Pois é, tudo correu melhor do que o previsto.

Mal eu havia retirado o membro flácido para sorrir, notei que o próprio zelador passou por mim devorando-me com o fatídico olhar. Ele disfarçava os movimentos rebotativos da parte baixa do corpo flácido, enquanto limpava o piso frio, certamente pela milésima vez no seu triste expediente.

Num exercício de imaginação, concentrei-me na bunda e mala inexistente dentro do surrado uniforme verde e amarelo. Notei a pobreza no seu corpo esquelético que implorava por uma boa refeição. Trocamos aquele olhar, como sempre acontece nessas situações.

Ele continuou sua dança de acasalamento. Alguns gestos grosseiros apontavam para uma porta entreaberta no interior do mijadouro, onde deduzi que o local seria uma espécie de depósito. Entrei. Aguardei.

Conferi vassouras, rodos, um saco repleto de latas de alumínio amassadas e materiais de limpeza cuidadosamente empilhados no armário de aço encostado na parede revestida de azulejos azuis. O nauseante aroma de pinho lembrava as saunas decadentes que eu tanto amava.

Enfim, ele entrou. Trancou a porta. Era bem idoso, mas cheio de desejo.

Procurou minha boca. Ele era mais baixo do que eu. Trocamos um beijo de lábios fechados. Talvez ele estivesse envergonhado ao permitir os arroubos da minha língua insana sobre seus deslocados dentes artificiais.

Zelador conferiu se a porta estava devidamente lacrada. O esfregão foi jogado no chão de maneira displicente. Ele tinha urgência perante o Prazer. Eu tinha pressa para morrer.

Indiferente aos sons produzidos pelos homens que buscavam verter a imundície acumulada em seus corpos do lado de lá daquele quartinho claustrofóbico, eu fiquei de quatro.

Direto ao assunto. O *peepo* do velhote se esforçou um bocado para executar sua nobre função. Sem proteção!

Saquei que o velhote demonstraria um enorme desconforto ao ser obrigado a colocar um preservativo em algo tão insignificante.

Pobre coitado. Simulei certa vibração só para alegrá-los. Ele achou que eu estava em êxtase. Segundos de movimentos e gemidos discretos. O funcionário público ejaculou sua água turva na cercania de um desempregado.

Meu sexo pegava fogo. Meu orgulho viril precisava penetrar aquela bunda flácida de qualquer jeito!

Foi bem mais fácil do que eu imaginava. O velho ficou encantado com meu dote. Lambeu, mordeu e depois gemeu, cavalgando sobre meu colo suado. Sem... proteção!

Gozei algumas gotas de um vazio catíngoso. A potência do meu sexo rachou-lhe o restante das pregas. Um fio de sangue escorreu pelo meu caralho, proveniente daquele buraco obsoleto.

O que importava é que eu havia atingido meu objetivo.

Um pedaço de Perflex eliminou parte da nossa safadeza. Lavei meu sexo com água filtrada e sabão de coco.

Sem se limpar, o velhote agasalhou o corpo com seu uniforme, pegou seu esfregão, agindo como se eu não existisse. Encostou a orelha no compensado que nos separava do mundo real, certificando-se que não havia mais ninguém do outro lado.

Ele abriu a porta num vagar irritante. Um sorriso safado cobriu-lhe as faces enrugadas. Havia dois seres trocando baixas carícias. Velhos conhecidos do velho homem.

Ele voltou a lustrar o piso com seu serviçal de madeira e tecido embebido em eucalipto. Saí sem ser incomodado, enquanto o zelador admirava discretamente os dois rapazes em sincronia na troca das punhetas.

Dei um tempo na minha caçada. Conseguira abater a quarta vítima do dia.

Comprei um medíocre cachorro-quente de uma senhora macilenta. Lambuzei a salsicha com litros de mostarda e listras de maionese.

Eu sempre como demais depois que *como* demais.

Escolhi um banco na praça e degustei minha bomba calórica, protegido por uma sombra acolhedora proporcionada por um frondoso ipê-amarelo.

Enquanto lambuzava os beiços, eu aguardei, paciente. A vingança errática me brindava com uma energia inexplicável. Eu poderia foder com duas Jundiaís inteiras naquele dia horrendo.

Engraçado. Nem sei como retornou à memória meu breve envolvimento com um técnico do Paulista... em mil-novecentos-e... bolinhas. Saudades de um fim de semana espetacular. Dois mundos. Pensar que eu estava disposto a abrir mão do meu universo para acompanhá-lo na outra trajetória.

Força de baixos pensamentos. Desejo de ações (ainda) em alta. Ele me amou. Isso ninguém pode retirar de mim-eu-mesmo.

Uma dupla angelical de rapazes alegres desfilou diante do meu inferno astral. Eram os mesmos que eu cruzara minutos atrás lá no mijadouro. Sentaram-se próximos ao lixo perto do Lixo, em uma linha diagonal que nos separava a menos de dois metros de distância.

Nova troca de olhares bambeecidas. Cinco minutos de planejado silêncio.

Tomando a iniciativa, ambos vieram conversar comigo. Num dialeto próprio, típico de nós, os veados, entrei no jogo do casal.

Um queria me chupar. O outro, me comer. Aceitei, sem pestanejar.

* * *

Fomos para o Hotel Marabá, no centro de Jundiaí.

Enquanto Branquinho tomava banho, Olhos Puxados sugava meu sexo.

Em seguida, no frango assado, senti o asiático me ferindo o rabo só com a cabeçorra. Seu *roto-rooter* era de tamanho razoável, porém denso e sólido feito uma barra de aço bem torneada.

O mundo estava realmente perdido, pois bastou um biquinho meu para que o infeliz potente ignorasse a Borrachuda e me perfurasse, irascível, sem... proteção!

Fiz caras e bocas enquanto era muito bem fodido.

Branquinho, ainda molhado, enlouquecido diante da velha teatralidade, penetrava o próprio rabo com dois dedos da mão direita, sugando a seguir o meu belo mastro quase rachado ao meio.

Fui agraciado com um boquete de primeira. Fodendo bochechas até imaginar sangramentos, recompensei mais uma vítima com doses HOMOpatóticas do meu ácido espumante.

Branquinho não gozou. Por outro lado, Olhos Puxados terminou, é claro, dentro da minha escuridão. Seu fantástico desempenho machucou meu interior acima do limite. De tanto que eu travei o cu para simular prazer, sangrei... de assustar!

Todos ofegantes, ainda fui obrigado a ouvir uma idiotice em falsete:

“Não se preocupe, meu Delícia. *Lavô, tá novo!*”, cantarolou o asiático, todo orgulhoso da sua performance de macho dominaDOR!

* * *

Seis. Chegara quase à metade “mete-física” da firmada intenção.

Peguei um Circular defronte ao hotel. Retornei à minha casa. Torrei quarenta minutos num merecido banho invernal. Dopado pela covardia, desfaleci no sofá.

Acordei e já era noite puxada. Querendo acreditar que estava revigorado, fui para frente do computador.

Chat de Sexo. Gays e afins. Jundiaí. *Nick: sexo_total_agora.*

Segundos de espera. Dezenas de candidatos.

Escolhi um que afirmava ser negro e policial militar. Ele morava próximo.

Dez minutos. Ele bateu à minha porta.

Era muito bonito, apesar de ser bem mais velho do que o descrito. Mas tinha tudo... pra cima!

Percebi que ele não era de nenhuma Corporação. Pensou que havia me enganado na sua fantasia. Assumiu que teclava de um cibercafé e não da sua residência. Estava de passagem por Jundiaí. Sua origem ou destino? Pouco

importava. Eu queria trepar. Bancando o tipo “Impressionável e Inexperiente”, consegui com tremenda facilidade satisfazer minha loucura.

BlackCop penetrou-me como se fosse um tarimbado profissional do sexo. Usou preservativo, mas cometeu um erro fatal. Após me comer com gosto, deu a louca de me contemplar com um delicioso cunete. Ao menos meu orifício arrombado apreciou a incrível variedade de carícias dedolinguísticas.

O negão tesudo não se deu conta de que eu estava ferido. Certamente sua língua rasurada entrara em contato com as rupturas do meu salão profanado. Eu assumira a certeza de que ele sentira a textura da minha podridão escarlate.

Rodopiando destinos, de repente BlackCop resolveu engolir meu sexo. Entre beijos e chupadas selvagens, besuntei sua garganta com minha goma sulfúrica, aos nove minutos do segundo tempo.

A dúzia de cervejas que entornamos durante a boa fodaria certamente impediu que ele diferenciasse os sabores e odores da perdição. Fracote, saiu tropeçando de casa. Era o sétimo selo do meu álbum apocalíptico.

Mais uma chuveirada. Lavei todos os meus flancos com afinco. Espuma de erva-doce no rabo dolorido. Vamos para a rua, meu amor. A noite havia só começado.

* * *

Eu estava misturado com a fauna noturna da difusa Rua Zolner. Caminhei a esmo, próximo do Hospital São Vicente. Carros andando a dez por hora. Homens loucos por brincadeiras sem recibo.

Um michê ofereceu-me seus serviços. Eu não ia pagar pelo sexo. Descartei-o sonoramente. Ele me mandou “me foder”. E era exatamente isso o que eu queria ouvir.

No seu lustrado automóvel japonês, o oitavo passageiro da minha louca viagem embicou ao meu lado. Reconheci de imediato o semblante tímido do Homem Público. Não demonstrei ansiedade.

“Olá”, eu disse ao me aproximar. “Vamos farrear um pouco?”, pergunta cretina cacarejada com sarcasmo.

“Você chupa? Deixa gozar na boca?”, ele perguntou, enquanto coçava o pau flácido escondido debaixo do jeans de qualidade duvidosa.

Minha cabeça disse “sim”.

Entrei no carro. Ele ouvia música brasileira.

Era Erasmo na pior fase. Quase vomitei.

Invadimos um trecho escuro da Rua Carlos Gomes. Para ele, aquilo era o máximo em aventura. Para mim... um tédio mortal.

Eu chupei algo que parecia um cogumelo anoréxico, com um misto de desprezo e uma incontrollável vontade de rir. Eu engasgava com o membro medíocre bolinando a primeira fase do céu da minha boca, impedindo-me de respirar.

O sujeito se achava o máximo, imaginando que o seu “supersexo” sufocava todas as minhas expectativas. Ele imitava trejeitos de filmes suecos da década de setenta. Hilário e digno de piedade... ou de internação imediata!

Eu não sabia se caía na gargalhada ou entrava na onda do otário. Optei pela segunda alternativa. Gemi, gritei, agarrei os prateados cabelos fartos do peitoral do amante que achava que era Tudo.

Para ele eu era o veado mais gostoso da face da terra. E eu era mesmo. Fiz com que ele se sentisse o Maior Comedor do Mundo. Valeu a pena. O infeliz terminou seu ato heroico com sua bengalinha enroscada na entrada do meu *playground*. Sem... proteção.

Enamorados ao som da Antena 1, relaxamos um pouco no interior daquele carro luxuoso... pago com os resultados de dezenas de “favores” das iniciativas privadas.

Fiquei a recordar o Prefeitura atrás de mim suando em bicas, dando o melhor de si, enquanto eu me sentia o próprio Garfield de pelúcia, sorridente e sacana, com minha fuça-ventosa espremida contra o vidro fumê.

Ha, ha, ha. Só rindo mesmo. Continuemos.

O garanhão me deixou novamente na rua da pegação. E ainda ganhei cinco notas de dez pelo ótimo serviço prestado. Eu não havia pedido dinheiro algum. Ele depositou a fêria no bolso da minha camisa polo, enquanto trocávamos um inesperado e romântico beijo de línguas aguadas.

Prefeitura foi embora todo pimpante, acreditando que havia ganhado a noite. Para mim-eu-mesmo, ele tinha perdido a vida. Era o que eu acreditava no momento. Veio à mente o brilho da sua aliança. Fiquei com pena da sua desconhecida esposa.

* * *

Entrei num bar da Rua J. J. Rodrigues. Pedi uma dose de AfterShock. O gosto gelado e picante a faiscar na garganta excitava os meus últimos sentidos.

Notei um par de lentes de contato a observar meus vagarosos movimentos solitários.

“Você ser Ativo ou Passivo?”, perguntou-me um jovem indiscreto com cara de rato que não nutria mais do que vinte anos incompletos.

“Eu ser apenas Passivo. Mas não sou e nem aprecio caras femininas”, a voz de taquara rachada e os trejeitos de uma RuPaul que acabara de cheirar uma carreira de Farinha Deusa quase me fizeram engasgar com o final da bebida virulenta.

“Por que será que todo afeminado não possui senso de realidade de seus atos afrescalhados?”, pensei, constrangido.

Encarei o moleque, destilando compaixão. Ele falava e falava e eu não ouvia nada interessante. Seu dialeto jundirlandês era quase incompreensível para mim. As mãos pareciam hélices desajustadas a rodopiar num eixo imaginário.

Como um zumbi, segui o professor de inglês até seu apartamento localizado na metade da Rua Zuferey.

Pinguins de pelúcia de todos os tipos e tamanhos decoravam os cantos daquele charmoso calabouço unicórnico. Num passe de mágica, um sofá medonho se transformou numa imensa cama de casal.

O estrangeiro travesso se jogou sobre a espuma rígida. Ficou de quatro, implorando para que eu lhe fizesse “mulher brasileira” naquela noite.

Se eu não estivesse tão focado em comer seu rabo, certamente o comeria na porrada, para ensiná-lo a não insultar as fêmeas maravilhosas do meu “brazil”!

Foi preciso invocar doses cavалares de imaginação para sentir tesão em possuir aquele pedaço de acrílico coberto de sardas. Ele emitia gritinhos fanhosos de falso prazer, mordendo um travesseiro na forma de cavalo-marinho, apenas com a passagem dos meus pelos peitorais sobre suas costas nuas.

Rato urrava desnecessariamente cada vez que eu enfiava só a metade. Isso me deixava em nervos e assim meu sexo era impulsionado com tamanha violência, até minhas bolas chocarem contra suas nádegas compactas, inchadas, desniveladas.

Temia chamar a atenção dos vizinhos. Porém, algo me dizia que eles já deveriam estar acostumados com o *show* do ratinho.

“Tira, tira, mi amor. Terminar na meu boca, por favor”, implorou a ratazana. Eu quase disparei um ataque de risos diante da pobre rima reproduzida em espanglês.

Rato retirou meu balaústre do seu poço artesiano. Com uma velocidade estonteante, sumiu com a camisinha que aquecia meu membro, sem que eu perdesse o inaceitável tesão físico. Amplamente fora de sentidos, iludindo-me na fantasia de “eu sou um Super Macho!”, enchi novamente a boca de um bosta com meu líquido abrasador.

Rato esparramou-se no sofá-cama. Deliciava-se com a goma-arábica. “Olhe, mi amor, não desperdicei nada. Agora você faz parte de mim... pra sempre!”

Aquela cena dantesca enojou-me sobremaneira. Rato implorou para que eu sentisse parte do meu passado depositado em seus lábios. Encarnei um Dorian Gray e, sedutor, dei o melhor beijo que aquele estrangeiro merecia. Consciente da minha podre essência ainda a bailar na sua bocarra, foi um êxtase quase demoníaco quando senti o sangue a jorrar da sua língua dilacerada pelos meus dentes canibais.

Levantei-me com rapidez. Todo tonto, coloquei minha roupa toda torta e me preparava para sair, enquanto ele implodia o grito, espargindo assustadas lágrimas petrificadas:

“Você ser igual a todos. Eu aqui dando mi amor e você me fere, goza e vai embora!”.

Mais uma vítima da vida. Mais um Derrotado. Ele foi o nono eleito.

* * *

Eu cambaleava, embotado em tonturas. As forças vitais queriam abandonar de vez minha carcaça abatida à própria sorte. Eu precisava chegar até minha casa e esperava dormir para nunca mais despertar.

Mas... eu tinha que concluir minha promessa.

Andei, andei e andei sem discernir três palmos adiante. Estava desvairado de cansaço, de tristeza e de ódio de mim-eu-mesmo.

Uma ponte na madrugada.

Debaixo daquele viaduto, algumas sombras abatidas esquentavam seus restos diante de uma fogueira sem fogo. Brasas incandescentes despertaram minha atenção e aromas inebriantes inflaram minha libido.

Hipnotizado, dirigi o que restava de energia da minha pelúnica pessoa até aquela roda de amigos forçados. Três machos do grupo ignoraram minha presença. Estavam bêbados. Risonhos Trincados. O cheiro orvalhado de pinga de oitava alucinou de vez o meu péssimo senso de sobrevivência.

“Ei, *parcêro*. Tem um cigarro?”, disse o quarto homem, aparentemente o mais lúcido de todos.

“Vem pra perto do fogo”, ele fez o convite, mesmo após eu confirmar que não possuía o que ele achava que precisava no momento.

“Eu já estou no fogo... do terceiro inferno”, remoí, carente e indefeso.

Devo confessar que gostei da fraternal acolhida. Agachei-me entre os Esquecidos e meu olhar, isento de luz, perdeu-se de vez nos seios do Vermelho Fumegante.

Ah, sim. Eles eram moradores de rua. Estavam muito fedidos e maltrapilhos. Mas não provocaram em mim nível algum de repulsa.

O cheiro do suor datado somado aos vapores da pinga barata misturava-se numa química curiosa. Sem compreender meu lado incontrolável, fiquei perplexo ao me pegar novamente excitado.

Lúcido percebeu meu estado de alegrias. Seu membro ganhou proporções maravilhosas dentro do calção surrado. Havia pressa em não desperdiçar aquela chance de consumir boa carne “fresca”. Ele agarrou com força minha mão direita, guiando o Embasbacado aqui até a câmara hiperbárica mais próxima.

“Gosta de uma brincadeira, não é memo? Depois que a gente fodê legal... você libera uns troco para nós comprar cigarro?”, ele choramingou, todo dengoso, mordiscando meu pescoço.

Na troca de um beijo rápido, frio, falso e obrigatório, reparei que lhe faltavam muitos dentes.

“Tenho o suficiente para você recomeçar a vida!”, respondi, idiota no último grau. Porém, minha estupidez era sincera. Eu não tinha mais nada para perder. E estava disposto a realizar uma boa barganha.

“Dê o que eu quero agora e eu forneço o que você precisa, ‘parcerão’”, regurgitei, sentindo a fúria retomar o seu devido posto.

Ele me levou para um vão sob a “ponte” São João. Era um lugar úmido e breu, passagem para outra dimensão. Senti meus pés rastelando restos de papelão. Imaginei caixas deformadas sendo rasgadas, forrando aquele chão fétido, sufocado por paredes gotejantes. Meu Coração parecia saltar alucinado, rasgando meu peito cabeludo, preso apenas por um frágil fio de senso incomum. Já minha Razão fugira horrorizada, para bem, bem longe, perneando nos limites da Avenida dos Ferroviários. Eu não raciocinava mais. Somente agia de acordo com meus instintos mais primitivos.

“Tira tudo, véio”, sua voz ecoando no vazio fez meu perispírito arrepiar-se em pânico ascendente. Minha mão tentou se apoiar em algo. Fiquei assustado ao me amparar sobre um corpo delinquido, mas repleto de vontades seculares não saciadas.

Lúcido estava nu, pronto para me currar, em troca da alegria proporcionada por milhares de cigarros futuros.

Aquele vergalhão rochoso sustentava um dos membros mais avantajados que um dia senti. Lúcido e sua espada literalmente pularam em cima de mim, esquartejando minha realidade.

O macho fedido cuspiu sonoramente sobre a palma da minha mão esquerda, conduzindo-a para lubrificar minhas próprias partes baixas com sua saliva salitrada.

Suas atitudes me transformaram num perfeito masoquista. Selvagem, em uma só estocada, a totalidade daquela viga arruinou de vez o alicerce da minha casa dos prazeres. Trovejei de dor, urrando de alegria com aquele ritmo quente a dancetear nas paredes do meu rabo vaga-lume.

“E aí, ‘amigão’. Tá gostando do material?”, ele babava, ofegando sobre minha nuca. “Posso ficar aqui o tempo que você quisé, porque isso aqui não vai amolecê tão cedo, véio”, completou sua frase entre perfurações cada vez mais profundas e animais.

Pelo andar da carruagem, aceitei que a “boacurra” perduraria por toda a madrugada. Apesar da agressividade pulsante do seu pau nada errante, eu estava encantando com a riqueza de carinhos bárbaros que Lúcido me proporcionava.

Cambaleando em sensações penosas, de tão deliciosas e marcantes, de repente outras mãos e sexos invadiram meus domínios. O terror se apossou da minha espinha caudalosa, onde um calafrio enigmático escolhia qual seria o destino da minha sorte.

Fui metralhado por quatro desesperados anjos insaciáveis.

Paus, bundas, bocas e aromas desconhecidos. Tudo misturado nas horas sem regras. Chupei e fui chupado em todos os pelos e poros e músculos do meu corpo. Entraram em mim milhares de vezes e eu já não era mais capaz de distinguir quem festejava nas minhas dependências.

Minha alma havia dado as costas quando confirmou a legião de canibais luxuriosos a trucidar meu corpo em grata oferta. Fui assaltado na firmeza dos sentidos. Entreguei-me aos prazeres irresponsáveis da carne, sem proteger meu invólucro passageiro.

Minha boca sentiu o gosto de sexos, mamilos, dedos de mãos e pés e bocas sombrias, todos com a mesma característica: o perfume baqueador de um suor impregnado em almas que há séculos não eram abençoadas com água, sabonete e o toque de um resto de Rexona.

Porra e sal e terra e nicotina e álcool misturados nas ranhuras dos meus lábios, rabo e nuca. Minha boca e meu cu sentiram todas as variações possíveis da densidade da podre essência pura do homem. Eu dei e comi e chupei como jamais havia feito em qualquer fase dos meus vinte e oito anos de vida.

Éramos cinco em um só corpo e numa só arte.

O fogo de Espíritos Santos alumia minha vilania.

Ou seriam chamadas de um inferno imaginário?

* * *

Finada a festa, mantive a promessa. Contribuí para aplacar as necessidades dos excluídos. Ofereci sexo e dinheiro para abrandar parcialmente os sofrimentos de suas existências medíocres. Aplaudi aqueles seres com vigor, pois eram mais dignos do meu respeito do que muitos outros que conheci no decorrer da minha porca existência.

Passei em um caixa eletrônico do Itaú, próximo do Russi, onde saquei o limite máximo disponível. Comecei a rir, sem compreender a razão. Enquan-

to digitava senhas, imaginei Prefeitura Pinto Cogumelo Soares a viajar no seu décimo sonho deturpado.

Entreguei o dinheiro para Lúcido. Chorei quando parti na alta madrugada, assim que os primeiros raios de um sol tímido começavam a banhar um céu que prometia aquele azul radiante a colorir com leveza as horas vindouras.

De volta ao centro da cidade, procurei um táxi.

Ansioso para chegar logo ao Jardim Bonfiglioli, apagado no banco de trás, ouvindo fragmentos da Dumont FM, me dei conta que atingira o meu fatídico Número Treze.

Rindo e chorando e assustando o motorista que achou que transportava um Noia, numa oração silenciosa eu bestamente agradei aos Céus por ter cumprido minha meta medíocre de (me) foder com treze homens... em um único dia.

* * *

Quatro anos se passaram após minha história aparentemente inaceitável.

Meu antigo chefe já começara a vivenciar os sintomas perversos da Maldita, após ter adquirido uma praga oportunista. Honestamente, que delícia saber que o Sr. Oliveira se encontrava no final do seu tempo aqui entre nós.

Desculpe minha sinceridade. Mas, no caso dele, eu ainda não havia aprendido a perdoar.

Nunca mais nos vimos, mas eu recebia notícias dele através de Susana, uma das funcionárias que acompanhava o triste fim do cara-de-gavião, agora solitário... em todos os sentidos, perdido com sua pose e prepotência no meio de caixas de charuto e cigarros importados no seu nefasto depósito dos horrores. De pensar que ainda há tantos e tantos “sérgios” e “oliveiras” agindo impunemente!

* * *

Os exames chegaram.

Tirando a fofa da Sra. Sífilis, eu estava em negativo.

Tudo confirmado. Pela terceira vez!

Foi difícil aceitar que aprontei o que quis por causa uma vingança sem lógica ou parâmetros concretos.

Uma persistente dor cega e irresponsável dominava meus sonhos nas noites frias daquele setembro. Carreguei por muito, muito, muito tempo a Sra. Depressão por causa da minha demência consciente.

Hoje, eu me sinto agraciado pela compreensão de Algo Superior. Ainda não sei o motivo de tamanha sorte, mas preciso confessar a você que finalmente eu havia aprendido a dura lição.

Entre outras alegrias e desafios vencidos, no atual emprego acabei conhecendo José Rubens.

No último dia sete completamos nosso aniversário de grata união. Estamos juntos há exatos dois anos. Vivemos debaixo do nosso próprio teto e comemoramos nossa data em brincadeiras criativas debaixo do nosso edredom.

José Rubens sabe das minhas diabruras do passado. O diálogo sincero e aberto desde o primeiro contato salvou nossa harmoniosa relação. Ele é um Positivo super “de boa” e também muito “*up*”!

Protegemos um ao outro na hora do sexo e do amor. E isso não nos faz deixar de sentir todo o prazer que merecemos.

Aprendi a me cuidar. Aprendi a dar valor a minha vida e a de meu amante-amigo. Não sei se mereço, mas aceito que fui agraciado mais de uma vez por alguém que mora lá em cima. É por isso que superei o medo e revelei um complexo fragmento da minha história.

Meu relato sincero é prova cabal do meu arrependimento.

Bata suas punhetas na virtualidade das entrelinhas, mas reflita sempre ao encarar a realidade do seu próprio caminhar... daqui em diante!

Porque aqui do outro lado... acredite:

Eu, Sérgio D’Aguiar, sofri horrores para assumir o sensato perdão.



Sobre o Autor

Moa Sipriano é natural de Jundiaí, interior de SP. Escreve e publica contos, crônicas e romances desde 2004. No Brasil, foi pioneiro na criação e divulgação de livros digitais contendo exclusivamente literatura homopopular. Sua arte retrata com crua fidelidade e lirismo o amor verdadeiro, os conflitos internos, o sincero companheirismo e a real espiritualidade da Diversidade. O autor pincela suas histórias e verdades com inteligência, sarcasmo e sensualidade em tonalidades exatas, proporcionando ao leitor um momento termântico, surpreendentes descobertas, além de uma profunda reflexão.

* * *

Para conhecer todas as obras: **moasipriano.com**

E-mail: **escritor@moasipriano.com**

Facebook: **facebook.com/moasipriano**

Instagram: **instagram.com/moasipriano**
